

## PEQUENA BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE

Paulo Freire nasceu um pouco depois da Revolução russa de outubro de 1917, como ele mesmo gostava de lembrar. Nasceu em Recife no dia 19 de setembro de 1921. Quando era criança a sua família passou por dificuldades econômicas e Paulo experimentou muito cedo a fome. Não a fome intensa, mas uma fome suficiente para prejudicar seus estudos.

### O PRATO DE DOMINGO

Certo dia de domingo, Paulo o caçula, de uma família de quatro filhos, brincava no terreno de sua casa com seus irmãos. Em um dado momento, a galinha do vizinho pulou para o terreno em que brincavam. Naquele domingo a sua mãe, Edeltrudes, não tinha nada para saciar a fome de seus filhos. De olhos esbugalhados sobre a galinha, os filhos divididos entre devolver a galinha ao seu dono, e saciar a fome daquele domingo, após uma certa hesitação, os quatro irmãos rodaram a galinha e deram o fim nela.

Com certo constrangimento, entregaram a galinha morta para a mãe, que sendo católica, havia ensinado seus filhos a não roubar, a falar a verdade, a respeitarem os seus pais, em fim todos os princípios católicos de uma boa educação. Edeltrudes, naquele dia de domingo, abriu uma exceção às suas regras de conduta, e ofereceu à sua família um prato um pouco melhor do que de costume.

Paulo foi alfabetizado pelos seus pais debaixo das mangueiras de sua casa. Escrevia no chão com gravetos as primeiras palavras de sua infância. Seu pai Joaquim, era espírita, mas isso não atrapalhava em nada seu relacionamento com Edeltrudes que era católica. É importante ressaltar que desde sua infância a educação que ele recebeu dos pais, era diferente, era dialógica, e isso certamente o influenciou bastante durante toda a sua vida. Era uma educação de liberdade sem cair na libertinagem. Essa característica educacional ele manteve mais tarde com os seus filhos e filhas.

Terminou o seu curso primário em Jaboatão, cidade próxima a Recife, onde havia nascido. A mudança da família aconteceu devido à crise de 29. Foi também em Jaboatão que aos 13 anos perdeu seu pai, vítima de uma queda de cavalo, em um desfile de 7 de setembro, pois seu pai era tenente do exército. Com uma pensão muito pequena, a família voltou para o Recife, e começou então uma verdadeira maratona para sua mãe encontrar uma escola para Paulo, que oferecesse uma bolsa de estudos. Finalmente encontrou o Colégio Oswaldo Cruz, cujo diretor, Aluízo Araújo, só fez uma única exigência, que ele fosse estudioso.

Paulo gostava de estudar, tanto assim que com 21 anos era professor de Língua Portuguesa, no próprio colégio onde estudou, o Oswaldo Cruz. Ele tinha uma enorme admiração e reconhecimento pelo Dr. Araújo e sua esposa Dona Genove.

Em 1944 casou-se com a professora Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Após essa experiência de docência, foi diretor do setor de Educação e Cultura do SESI, onde teve o seu primeiro contato com operários, e a alfabetização de adultos.

Em 1959 defendeu a tese "Educação e Atualidade Brasileira" na Universidade do Recife, obtendo o título de Doutor em Filosofia e História da Educação.

Foi nessa época também que ele tinha alguns sonhos de se tornar advogado, mas desistiu na sua primeira causa, eu explico por que:

### O CASO DO DENTISTA

Um certo dentista no Recife, bastante jovem, estava começando a exercer a sua profissão, mas por força das circunstâncias, havia se individualizado para poder comprar os seus aparelhos de trabalho. Paulo Freire foi contratado pelo credor para cobrar a dívida contraída com o dentista.

Conversando com o dentista, este lhe explicou a situação difícil em que se encontrava:

- O Senhor pode levar a minha mesa, os meus quadros, o meu sofá, minha televisão, etc... só não pode levar a minha filha.

Diante dessa situação Paulo se sentiu extremamente desconfortável, principalmente porque lembrava-se da sua infância e dos momentos difíceis que passou pela vida, e então disse:

- Olha, você pode ficar tranquilo por mais uma semana, porque esta é a primeira e última causa que defendo enquanto advogado. Talvez o seu credor queira continuar com essa causa, mas não serei eu o seu advogado.

É importante deixar claro que Paulo Freire nunca teve nada contra os advogados, nem contra a justiça; muito pelo contrário, ele era a favor da justiça, mas não tolerava a justiça que se faz só a favor de alguns.

Após esta experiência foi a nossa mãe Elza, que já trabalhava com educação na época, especialmente com crianças, que o convenceu a trabalhar com educação. Foram eles juntos que deram os primeiros passos no trabalho de alfabetização de adultos. Começaram a utilizar, o que mais tarde seria chamado de método Paulo Freire, uma metodologia diferente para alfabetizar adultos. Essa nova metodologia dispensava cartilhas, e priorizava o universo vocabular dos adultos de cada região. Priorizava também a discussão com os educandos, de forma sempre dialógica, a relação entre *natureza* e *cultura*. Essa discussão por sua vez levava os educandos a perceberem que também faziam cultura. Percebiam através do seu próprio universo vocabular que eram sujeitos de sua própria história, e que portanto faziam história. Por sua vez ninguém faz história sem ter consciência de sua ação sobre ela. Daí, o termo que mais tarde ele chamaria de *conscientização*. A alfabetização, a educação, tornava-se um ato, uma atitude, eminentemente política.

Tudo isso acontecia no início dos anos 60, quando o Brasil passava por uma fase que se dividia na necessidade de um desenvolvimento industrial crescente, e por outro lado forças conservadoras também a favor da industrialização, mas não para o benefício de todos.

Paulo Freire surge nesse cenário como um intelectual e educador que poderia com o seu método alfabetizar 5 milhões de adultos. Era o governo Goulart, o Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos o tinha convidado para expandir o seu método em todo território nacional. Esse convite aconteceu principalmente pelo êxito da "experiência" de alfabetização em Angicos, Rio Grande do Norte. Nesse momento Paulo Freire se posiciona realmente como um educador progressista, que começava a incomodar as forças mais conservadoras da sociedade.

Incomodava porque o seu método aumentaria o eleitorado brasileiro e essas forças conservadoras muito provavelmente perderiam o seu espaço político. Incomodava porque o método, a campanha de alfabetização, dentro do governo Goulart, seria um impulso para a democracia no país.

Então veio o Golpe de Estado de 64, e Paulo Freire foi preso. Foi preso porque queria alfabetizar o povo. Queria resgatar a auto-estima de um povo subjugado, desrespeitado, submisso, oprimido. Ficou preso durante 72 dias, às vezes em celas desumanas, que tinham mais ou menos 60 cm de largura por 1,70 m de comprimento com paredes de cimento ásperas. Recusava-se à ideia de se exilar, tinha sido solto da prisão no Recife, mas após tomar conhecimento através de familiares no Rio de Janeiro que seria preso novamente, decidiu se axilar na embaixada da Bolívia. Nós a família ficamos no Brasil. Um mês mais tarde viajou para La Paz. Mas quinze dias depois, também houve um golpe na Bolívia, e então ele viajou para o Chile.

O Chile naquela época era um dos únicos países democráticos na América Latina, ou que pelo menos tinha uma postura mais aberta do ponto de vista da política. Era o governo do democrata cristão, Eduardo Frey. Quando Paulo chegou lá, muitos brasileiros já moravam no Chile. Foi Thiago de Mello, e um outro brasileiro chamado Strauss, que o apresentaram a Jacques Chonchol do Instituto de Desarrollo Agropecuario. Após ele começar a trabalhar e resolver os seus papeis para sua estadia no Chile, nós a família viajamos então para o Chile. Eu tinha cinco anos, meu irmão sete, e minhas irmãs já eram adolescentes. Lembro-me que quando cheguei ao Chile, eu pensava que Santiago era uma cidade do Brasil, e começava a falar em português com as crianças, tive uma certa dificuldade de adaptação até entender afinal de contas o que tinha acontecido na nossa família, e o porque dessa ausência tão longa do meu pai. Minha mãe achou que seria melhor não contar para mim e o Joaquim a prisão do nosso pai, mas as meninas sabiam, tanto que ajudaram a nossa mãe a enfrentar a prisão e tudo o que isso significava de sofrimento para todos nós.

No Chile nosso pai trabalhou muito e fomos todos muito bem recebidos. Naquela época o Brasil tinha muito prestígio junto aos chilenos, não pela ditadura, claro, mas pela música, pelo futebol, por tudo aquilo que de certa forma representava um certo exotismo para eles.

Foi no Chile que Paulo escreveu a *Pedagogia do Oprimido*. Esse livro de certa forma foi fruto de toda uma série de circunstâncias favoráveis, um país acolhedor, o trabalho de alfabetização dos camponeses chilenos, portanto a possibilidade de trabalhar com o método em circunstâncias favoráveis, amigos brasileiros que lá chegaram, melhores condições financeiras do que no Brasil.

A primeira leitora da *Pedagogia do Oprimido* foi a nossa mãe Elza Freire. Creio que uma das pessoas que mais sofreu com o exílio, foi a nossa mãe. Ela deixou no Brasil o seu pai, e toda a sua carreira profissional de educadora e Diretora de Escola no Recife. Dedicou-se inteiramente à família durante todos esses longos dezesseis anos de exílio. Ela poderia ter se separado do nosso pai, quando ele se encontrava preso, como possivelmente deve ter acontecido com vários casais. Mas muito pelo contrário ela lhe deu apoio tanto profissional quanto emocionalmente.

O Chile foi um momento riquíssimo para todos nós; como havia dito muitos brasileiros tinham chegado lá, entre eles Francisco Weffort, Fernando Henrique Cardoso, José Cerra, Plínio de Arruda Sampaio, Almino Affonso, Alvaro Vieira Pinto, Emani Fiori, Geraldo Vandré, e tantos outros que chegaram na mesma época que nós ou um pouco depois.

Vivemos no Chile de 1965 a 1969, todos esses brasileiros se conheciam e se ajudavam uns aos outros. Existia até uma caixinha dos exilados. Todos os exilados contribuíam cada mês com uma certa quantia de dinheiro para ajudar nos primeiros dias o exilado que lá chegava.

Foi no Chile que nosso pai recebeu dois convites: o primeiro para trabalhar como Professor Convidado da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e o outro como Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, Suíça.

Ele então reuniu toda a família, junto com os namorados das filhas, e democraticamente ouviu os filhos e as filhas, para tomar a decisão se iam primeiro para os Estados Unidos, ou para a Suíça. As filhas preferiram ficar, e nós os filhos como eramos muito pequenos ainda fomos com os nossos pais para os Estados Unidos.

É importante lembrar que o trabalho do nosso pai no Chile por volta de 68 estava começando a incomodar a certos setores mais conservadores da Democracia Cristã chilena. Não seria uma força de expressão, dizer que ele estava sendo perseguido. Podemos dizer que seu trabalho no Chile foi bastante intenso e que tudo o que ele escrevia era fruto de sua própria prática.

O convite de Harvard aconteceu, porque a Revista *Times* o havia entrevistado no Chile. Chegando nos Estados Unidos, lecionou na Universidade de Harvard e publicou em inglês a *Pedagogia do Oprimido*. Os escritos anteriores haviam sido publicados e escritos no Chile: *Extensão ou Comunicação?*, e *Educação como Prática da Liberdade*. Nos Estados Unidos poderíamos dizer que seu trabalho foi mais acadêmico, mais teórico. De certa forma a Universidade propiciava os debates e aulas com a juventude americana da época, que vivia uma forte repressão do governo norte-americano frente aos protestos contra a guerra do Vietnã. Naquela época acontecia no mundo todo um clima de revolta contra a educação tradicional, e a *Pedagogia do Oprimido* discutia essa educação *bancária*.

Mas foi em Genebra trabalhando no Conselho Mundial das Igrejas que Paulo Freire se tornou mundialmente conhecido. Através do Conselho viajou para diferentes países com exceção do Brasil, obviamente, mas se consagrou como um educador e filósofo da Educação. Foi nessa época no início dos anos 70, que trabalhou na África, especialmente nas ex-colônias portuguesas, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, e mais efetivamente na Guiné Bissau, acessorando esses países numa ampla campanha de alfabetização. Essa experiência ele relata no seu livro *Cartas a Guiné Bissau*.

Moramos dez anos em Genebra, de 1970 a 1980. As meninas que tinham ficado no Chile, já tinham nos encontrado nos Estados Unidos, assim, em Genebra, toda a família estava reunida, com a exceção da Madalena que tinha se casado no Chile, e já vivia no Brasil. Recebíamos muitos amigos brasileiros (as) que nos davam notícias do Brasil, e vinham conversar conosco a situação política do nosso país. Isso também é claro acontecia muito no Chile, quando vivíamos lá.

Aprendemos em Genebra que o importante na ausência do nosso pai, era a qualidade de estarmos juntos e nem tanto a quantidade. Por outro lado apoiávamos o seu trabalho, e entendíamos o seu compromisso político do seu trabalho.

Aprendemos muito também a relativizar a nossa experiência com diferentes culturas. Aprendemos a enxergar o mundo de forma diferente. A cada país, uma cultura diferente, mas também aprendemos a conservar a

nossa cultura. Em casa falávamos sempre em português, tentávamos sempre na medida do possível, comer a comida brasileira. A forma de se relacionar com os outros, a forma de conversar.

Foram dez longos anos, talvez mais longos para os nossos pais, que para nós os filhos, mais longos também para as filhas, que eram adolescentes, e para os nossos pais que tinham por volta de quarenta anos. De fato foram dezesseis anos de exílio. Falo dessa questão da cultura principalmente pensando no meu pai. Certo dia saindo do trabalho no Chile, com um amigo de trabalho, ele amigavelmente colocou a sua mão no ombro do amigo, quando percebeu que ele começou a baixar o ombro e disse: "Paulo, no Chile um homem não põe a mão no ombro do outro". Meu pai ficou surpreso e pensou: que cultura é essa que não permite um gesto tão amigável quanto esse? Anos mais tarde já morando em Genebra, ele viaja para Dar-Es-Salaam na Tanzânia, África, e lá depois da conferência, no campus da Universidade, ele sai acompanhado de um professor africano; de repente o professor agarra a mão dele, e entrelaça os seus dedos com os dele. O professor depois de um certo momento soltou a mão dele para fumar um cigarro, e então ele rapidamente colocou as mãos nos bolsos da calça. Depois então ele pensou: "Que cultura é a minha que não permito um gesto tão amigável como esse?"

Aprendemos portanto a relativizar a nossa cultura, com uma cultura nordica como a suíça, por exemplo, numa cultura em que os animais domésticos são quase mais queridos do que as crianças. Lembro-me que uma vez meu pai me contou, que estava andando no frio de Genebra no inverno, com neve pelas calçadas, e de repente, ele com aquela barba branca, era Natal, uma criança pequena, 2, 3, anos, olhou para ele e disse: "Mamãe, mamãe, olha o papai noel aí !!!" e a mãe repreendeu o filho dizendo: "Não, Não, Não, é o papai noel, não incomode esse senhor."

Foram momentos difíceis sem dúvida, mas também importantes e riquíssimos nas nossas vidas.

Finalmente chegava a anistia. Voltamos definitivamente para o Brasil, no dia 16 de junho de 1980. Dia 16 de junho era aniversário da minha, e ela completava 64 anos de idade.

Voltamos ainda no Governo do General João Figueiredo, mas isso não nos assustava. Tínhamos voltado para o Brasil somente eu e meus pais. Joaquim e Cristina ficaram na Suíça, Madalena já estava no Brasil, e Fátima voltaria um pouco mais tarde, pois estava vivendo na Guiné Bissau.

Paulo Freire voltou, para reaprender o seu país. Ele como ninguém, sabia fazer, o que ele chamava, de leitura do mundo.

Nos anos 80 trabalhou como professor da PUC de São Paulo, assim como da UNICAMP. Evidentemente que tendo a repercussão internacional que teve durante o exílio, também viajou muito para o exterior, principalmente os Estados Unidos e Europa. Ganhou vários prêmios internacionais de Universidades, Organizações Internacionais, ganhou o prêmio de cidadão de várias cidades, entre as quais: São Paulo, Los Angeles, Angicos. Foi Doutor Honoris Causa de várias Universidades, entre as quais uma das mais antigas do mundo a de Bologna na Itália.

Em 86, um duro golpe, nossa mãe morre, aos 70 anos de idade, de um enfarte. Paulo cinco anos mais jovem que nossa mãe queria encontrar-se com ela também. Foi uma dor muito intensa, quarenta e dois anos de casamento, de cumplicidade, de apoio, de companheirismo, de profundo amor.

Foi com a Ana Araújo, sua segunda mulher, que meu pai pode re-encontrar o gosto pela vida. Aos poucos foi se refazendo da falta da nossa mãe, e foi podendo continuar a trabalhar. Foi assim que em 1989 foi Secretário de Educação do Município de São Paulo, durante a Administração da Prefeita Luiza Erundina. Em 91 afastou-se do cargo, mas não do seu colegiado.

De 1991 a 1997, trabalhou intensamente, brigando às vezes com problemas de saúde, mas continuou na medida do possível atendendo os convites nacionais e internacionais. Escreveu vários livros durante esta época sendo o seu último *A Pedagogia da Autonomia*.

Foi um pai, um amigo, um conselheiro, um orientador, um ser humano de imensa temura, bondade e amorosidade. Nos deixou no dia 2 de maio de 1997, aos 75 anos. Mas me deixou também muitos irmãos e irmãs pelo mundo.

Lutgardes Costa Freire